

OS PROCESSOS RELIGIOSOS JUDAICO – CRISTÃOS E A CONSTRUÇÃO DO MACHISMO

Ingrid Mesquita Colelho¹; Rosemary Amanda Lima Alves¹; Daniel Cerdeira de Souza²

¹Centro Universitário do Norte
Rua 10 de Julho, Centro – Manaus

²Universidade Federal do Amazonas
Avenida General Rodrigo Octávio, 6200 – Coroado 1;

ingrid-m.c@hotmail.com; rosemaryalves19@gmail.com; dancerdeira01@gmail.com

Resumo: Objetivamos discutir a relação entre o machismo e o discurso religioso judaico-cristão. Para isso, nos munimos de uma revisão teórico-crítico narrativo (não sistemático) com consulta em livros, artigos e teses com livre configuração temporal e após isso, nos aproximamos da bíblia e analisamos alguns versículos que nos ajudaram a pensar a construção do machismo como mantenedor da autoridade e opressão masculina sobre o feminino. Nossos achados mostraram que o discurso judaico-cristão influenciou durante toda a história da humanidade para violência e exclusão feminina. Segundo os escritos da bíblia, a figura religiosa chamada Jesus lutou por igualdade entre os gêneros, porém esses ensinamentos foram e são sufocados pela cultura patriarcal já estabelecida na época e que perdura até hoje.

Palavras-chave: Machismo; Religião; Bíblia. Gênero.

1. INTRODUÇÃO

As religiões de cunho judaico-cristão, desde o período colonial, possuem grande influência sobre o social, ditando normas e padrões em vários âmbitos, inclusive nas questões de gênero e dominação patriarcal. As desigualdades relacionadas a homens e mulheres que colocam o homem na posição de “poder” e a mulher na posição de “submissa” não são determinadas por questões biológicas entre os sexos. São, unicamente, uma construção social.

Várias são as formas de padronização dos comportamentos no que tange ao papel masculino e feminino. Isso pode ser percebido quando desde a infância é limitado ao menino as “brincadeiras de meninos” (como carrinho e bola) e as meninas as “brincadeiras de meninas” (como boneca e casinha). São contadas histórias de heróis que são exclusivamente homens, como símbolo de força, onde salvam a mulher que é tida como símbolo de fragilidade, caracterizando assim uma construção social e não biológica.

Comumente, no senso comum, ouvimos frases que permeiam a noção de religião não se discute. Nos opomos a essa questão, pois entendemos que a construção da sociedade é influenciada por diversos constructos históricos e dentre eles a religião. Não nos opomos a vivência religiosa de cunho judaico cristã ou de qualquer outro cunho, mas entendemos que é preciso sim vivenciá-las de maneira crítica e humana, pois o fundamentalismo reforça os padrões sociais já existentes e pode contribuir para formas de violências.

Justificamos este estudo a partir de estudos que mostram que a perseguição e pressão



sobre a mulher exercida pelas instituições de poder, como o estado, que garantiu ao logo da história a autoridade do homem como um direito e a Igreja, que aliada ao ideal masculino, utilizou sua influência sobre a mentalidade e comportamento dos indivíduos ao longo da história, resultou no estabelecimento ideológico do poder centrado no homem e autoridade sobre a sociedade e a família. Assim a compreensão da mulher como inferior ao homem foi organizada ao longo dos séculos atendendo aos interesses dos homens na busca pela manutenção do poder. Esta construção favoreceu o estabelecimento de interdições sobre a mulher que podem ser percebidas ainda hoje em praticamente todas as sociedades do mundo (CRUZ, 2013).

O machismo também atua como uma das bases que sustenta a violência contra as mulheres. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2013), 35% das mulheres em todo o mundo são vítimas de violência física e/ou sexual perpetrada, em sua maior parte, por seus parceiros. E no seu extremo, a violência contra a mulheres se torna o que chama-se feminicídio, que é a fase mais perversa e extrema da violência contra mulheres, se expressa por meio de assassinato destas por razões baseadas nas desigualdades de poder entre os gêneros. Trata-se da violência exercida pelos homens contra as mulheres em função do desejo de obter poder, dominação ou controle (BARUFALDI *et al*, 2017). Estima-se que, no mundo, 38% de todos os assassinatos de mulheres são cometidos por parceiros íntimos (OMS, 2013).

Vale ressaltar que, ao logo da história, muito se foi conquistado em relação ao direito das mulheres. Direitos que eram vetados e que hoje são liberados como estudar, votar, trabalhar fora, etc. Mas é necessário que se compreenda que a partir do momento em que a mulher começa a trabalhar fora, ela ganha um novo lugar, mas não deixa de ocupar os antigos papéis. Segundo Moraes (2012), o estereótipo da mulher submissa foi substituído, em grande medida, pelo da mulher múltipla: que trabalha fora, cuida da casa, dos filhos e do marido e, ainda assim, deve encontrar tempo para cuidar de si, fazer cursos de aperfeiçoamento, manter cabelos e unhas impecáveis, praticar exercícios físicos, balancear a dieta, etc. Pode-se mesmo dizer que o grau de exigência em relação à mulher tornou-se maior no conjunto de discursos dominantes de nossa sociedade, se antes a “mulher perfeita” era a que cuidava bem do lar e da família, hoje ela precisa se destacar profissionalmente sem descuidar das questões anteriores e, ainda, ter um corpo “perfeito”. Este estudo tem como objetivo refletir a participação do discurso religioso judaico cristão na construção do machismo. Para atingir nosso objetivo, nos munimos de uma revisão de literatura crítica de cunho livre, em livros, teses, dissertações e artigos e demais escritos científicos.

2. FUDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Conceitos relacionados

Para elaboração deste estudo, nos utilizamos do conceito de gênero, que rompe com a perspectiva de que os papéis sociais são determinados biologicamente a partir dos órgãos sexuais. Ou seja, compreendemos a construção de “ser mulher” e “ser homem a partir de uma construção histórica e social. Além do mais, as categorias de gênero também são utilizado como um instrumental de análise e compreensão das relações sociais entre as pessoas (DE CARVALHO, 2011).

O discurso religioso tem a capacidade de estabelecer padrões morais, sociais e estéticos,



que são assumidos pelo indivíduo. Este estabelecimento dá a ideia de realidade eterna para o grupo, a tal ponto que essas realidades depois de objetivadas, passam a fazer parte da cosmovisão dos sujeitos sociais. Esse processo é estabelecido na dinâmica do tempo e na capacidade que a religião tem em estabelecer suas “realidades” sobre o corpo dos sujeitos religiosos (ECCO, 2008). As religiões têm a capacidade de “modelar” o ser humano. Esta, pode influenciar de forma sutil, mas com uma grande potência de ditar padrões e normas que podem ser observados em vários âmbitos da vida do sujeito, não se restringindo somente a questões de gênero.

O machismo, por sua vez, pode ser compreendido como um sistema de representações simbólicas que impõe relações de dominação, exploração e de sujeição entre homem e mulher. Esse sistema oferece modelos de identidade tanto para o masculino quanto para o feminino e é através desse modelo que homens e mulheres “tornam-se” homens e mulheres. Desde crianças, meninos e meninas entram em relações que independem de suas vontades e que ajudam a formar suas subjetividades, impondo o menino como superior, forte e dominante, sendo empurrado para atividades que remontam a profissionalização e renda somente por ser menino e impondo a menina um papel de inferioridade, fragilidade e dependência masculina, direcionando-a a atividades que não geram renda (DRUMONT, 1980).

A concepção do masculino como sujeito da sexualidade e o feminino como seu objeto é um valor de longa duração da cultura ocidental. O masculino é ritualizado como o lugar da ação, de decisão, da chefia da rede de relações familiares e da paternidade como sinônimo de provimento material, é o “impensado” e “naturalizado” dos valores tradicionais de gênero. Da mesma forma e em consequência, o masculino é investido significativamente com a posição social (naturalizada) de agente do poder da violência, havendo, historicamente, uma relação direta entre as concepções vigentes de masculinidade e o exercício do domínio de pessoas, das guerras e das conquistas (MINAYO, 2005).

Homens e mulheres estão sujeitos a adotar irrefletidamente preconceitos nas relações sociais estabelecidas a partir dos gêneros, como aponta Miskolci (2012), visto que todos e todas estão inseridos/as no mesmo sistema, são moldadas/os por ele e nele pautam suas relações. Sendo assim, não só o machismo é praticado por homens contra mulheres, mas também é reproduzido por mulheres pois ambos estão sujeitos a esse mesmo preconceito, submetendo-se à heteronormatividade.

Com a interiorização desde a infância de padrões machistas, as mulheres muitas vezes reproduzem o machismo e as ideias dominantes na sociedade, que pregam a suposta inferioridade das mulheres em relação aos homens. Deixamos claro que mulheres reproduzem machismo, pois percebe-se que este traz inúmeros benefícios aos homens enquanto não faz o mesmo para com as mulheres. Faria e Nobre (2003), pontuam que não podemos nos esquecer de que as ideias dominantes na sociedade são dominantes justamente porque estão na cabeça da maioria dos homens e das mulheres também. Essas ideias são repetidas à exaustão na família, na escola, nas igrejas, nos meios de comunicação, e não é de estranhar que muitas mulheres se convençam delas. Como os homens é que são considerados os provedores da família, o trabalho profissional das mulheres é sempre visto como complementar às suas “responsabilidades” domésticas, pois estas últimas é que são consideradas sua verdadeira ocupação. A partir dessa ideia, surgem várias consequências negativas para as mulheres, como a ideia de que os salários delas podem ser baixos, já que o que elas ganham é visto como



suplementar (MORAE, 2012).

Trabalhos relacionados

Destacamos os seguintes trabalhos que foram de suma importância para a construção deste estudo, sendo: Gênero e Discurso Religioso, artigo de Mercedes Lopes, publicado na Revista Relegens Thréskeia, em 2013. E o clássico: Elementos para análise do machismo de Mary Pimentel Drumont, um clássico publicado na revista Perspectivas em 1980.

Basicamente, os dois estudos destacados são revisões e análises literárias, mas se diferem deste estudo por conta do objetos estudados. No primeiros artigo citado, temos o objetivo foi a investigação da construção das categorias de gênero nos discursos religiosos, e no segundo, a autora elencou diversos elementos sociais e históricos que auxiliam na construção, reprodução e manutenção do machismo, enquanto estrutura social de dominação da classe masculina sobre a feminina. Neste estudo, objetivamos refletir sobre como o discurso religioso influencia na construção do machismo, portanto unimos características dos dois estudos citados, formando um novo conhecimento.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Esta é uma revisão de literatura narrativa (não sistemática). Esse tipo de pesquisa busca a resolução de um problema por meio de referenciais empíricos e teóricos publicados (PIZZAI, et al, 2012). Conforme o problema apresentado neste estudo, a amostra foi constituída de Livros, Teses, Dissertações e periódicos indexados que abordem a temática machismo e discurso religioso judaico-cristão, buscados com descritores livres e sem restrições quanto a períodos de publicação. A busca dos dados foi realizada através de publicações com resumos disponíveis e indexados nas bases SCIELO- Scientific Electronic Library Online (www.scielo.br), PEPSIC- Periódicos eletrônicos em Psicologia (pepsic.bvsalud.org). Após esse momento, nos debruçamos sobre a bíblia e relacionamos alguns versículos que podem nos ajudar a pensar nos constructos sociais relacionados ao machismo.

Os dados colhidos nas referências foram analisados e interpretados de forma descritiva e crítica. O método descritivo tem como objetivo organizar, resumir e descrever conteúdos relevantes mais observados, podendo comparar tais conteúdos entre dois ou mais conjunto de dados (REIS, REIS, 2002). Na análise crítica de dados, o pesquisador preconiza e formula um juízo crítico, evidenciando e avaliando o texto pelo seu embasamento e coerência interna. (GIL, 2002). O autor toma uma posição e atitude reflexiva sobre o que leu, mas para isso, o mesmo deve evidenciando os conteúdos encontrados e adquiridos do texto, a sua própria visão geral e crítica, situando tais posicionamentos sob o domínio de conhecimento (PRODANOV, DE FREITAS 2013).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Construção e consolidação do machismo baseados no discurso religioso

Na Idade Média, a igreja contribui para a não participação da mulher na sociedade. Centrado no radicalismo religioso, ela foi encapsulada pela Igreja na condição de agente do



mal, uma vez representante da Eva, a mulher bíblica que permitiu a entrada do mal no mundo a partir da atenção dada a serpente. A mulher, no entendimento religioso medieval, era dada ao descontrole da curiosidade, além de ser voltada à transgressão e vista como a corruptora dos valores civilizados e corretos (CRUZ, 2013). A percepção organizada a partir deste entendimento favoreceu a negação das atividades públicas à mulher num quadro de distinção onde ela era vista com o potencial de prejudicar a sociedade ordenada pelos homens.

A busca pelo controle da mulher e da sociedade, levou a Igreja a adotar um caráter antifeminista. O fortalecimento do cristianismo no continente europeu durante o período medieval favoreceu a perda dos direitos conquistados pelas mulheres durante o período anteriores. Não que a mulher romana tivesse condição de igualdade perante o homem durante a antiguidade, mas, por exemplo, a autoridade perante os escravos e organização do domicílio conquistada em Roma fora reduzida com o advento da Idade Média. A mulher medieval era um elemento subordinado ao homem ao ponto de se questionar a existência ou não de alma das mulheres (BRANDEN, 1992).

A Igreja restringia a atuação da mulher na sociedade, fortalecendo o papel do homem e exercendo o controle sobre sua sexualidade. A figura feminina foi convertida em objeto de perdição, limitada ao espaço privado da vida. Desta forma, a Igreja enquanto instituição hegemônica, teve papel importante na consolidação do estereótipo do modelo comportamental feminino na sociedade (CRUZ, 2013).

A questão de gênero não somente desperta para as históricas construções que constituem nosso modo de viver como mulheres e homens, mas torna-se também uma provocação e um convite para rever os modelos de Deus que são interiorizados automaticamente, através da ideologia de dominação subjacente aos discursos religiosos, antigos e novos (GEBARA, 2000).

No seio de nossa cultura, as ideias religiosas permanecem com grande peso, e em todas as expressões religiosas oriundas da tradição judaico-cristã há muita ênfase na manutenção da supremacia masculina. Apesar de que no contexto em que vivemos exista um grande e diversificado o avanço da ciência e da tecnologia que imaginamos estar vivenciando um processo irreversível de crescimento e superação da miséria, da ignorância, das doenças, da violência e da dor, essa supremacia permanece. Pensamos que os novos conhecimentos científicos são capazes de garantir a vida do planeta e dos seres vivos que nele habitam. No entanto, convivemos com as formas mais sutis de violência e de escravidão de seres humanos (ECCO, 2008; LOPES, 2013).

Nesse contexto se faz necessário a desconstrução de ideologias religiosas de cunho discriminatório e inferiorizam-te. Lopes (2013), pontua que a bíblia foi escrita tendo como reflexo uma sociedade patriarcal, pois as antigas religiões nasceram dentro deste tipo de sociedade. Assim, mitos, símbolos e tabus tecem um imaginário que induz à legitimação do sujeito hegemônico masculino, justificando e sustentando a violência contra a mulher e colocando todas as demais criaturas, inclusive a natureza, na categoria de objeto.

Uma pesquisa realizada em 2006, para o Mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Goiás, na Região Leste de Goiânia, constatou que dentre 49 pessoas do sexo masculino, 46 deles apontaram a doutrina da religião católica como estruturadora e mantenedora da supremacia patriarcal da identidade masculina. Afirmava-se que a imagem consagrada e alicerçada em nossa tradição é de uma figura masculina de Deus, e por isso, segundo os entrevistados, assumiam-se mais próximos e preferidos. No entanto, ser homem em



tão grande estima, dão a eles a prerrogativa da supremacia na relação com o universo feminino (ECCO, 2018). Uma religião patriarcal caracteriza-se por sua estrutura piramidal, na qual os homens possuem o poder de posse e de decisão sobre mulheres, filhos/filhas, escravos/escravas e sobre todas as demandas sociais (LOPES, 2013).

Baseados no imaginário de que Deus possui uma identidade masculina, os homens se sentem privilegiados em detrimento as mulheres e nessa prerrogativa funda-se a sua “supremacia”. Por esse motivo e aliado a textos bíblicos incontextualizados e analisados sobre um prisma, em sua grande maioria, masculino, os homens julgam-se líderes, ativos e fundadores enquanto a mulher cabe o papel de objeto, sendo, portanto, as mantenedoras dos ideários religiosos estipulado por estes. Esses ideários, principalmente quando se fala em igreja tradicional, é carregado por violências sutis e até mesmo explícitas contra a mulher, inferiorizando-a e as impedindo de ter voz ativa dentro das instituições religiosas, construindo assim o machismo.

A relação entre a Bíblia e o Machismo

Na cultura religiosa judaico-cristã, se faz bem presente a ideia da preferência de Deus pelo masculino. É muito comum a leitura tradicional do texto bíblico de: Efésios 5, 24: Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, como também as mulheres sejam em tudo submissas a seus maridos (SAGRADA, BÍBLIA, 1996). Esse texto é utilizado pelos homens para descrever a “vontade de Deus” de que as mulheres sejam submissas a eles e dessa forma, estes são preferidos por deterem o “poder” sobre as mulheres. Porém o presente versículo não deve ser entendido apenas de forma unilateral, pois se assim fosse as mulheres não precisariam amar seus esposos. A medida que (Efésios 5, 25) diz: Maridos, amai vossas mulheres, como também cristo amou a igreja. No entanto o versículo anteriormente descrito, apesar de citar apenas os homens, é entendido de forma bilateral, ou seja, não somente os maridos devem amar suas esposas, mas as esposas também devem amar seus maridos, assim como não somente a mulher devem ser submissa ao homem. Essa submissão recíproca fica clara no versículo 21 do mesmo capítulo: “Sejam submissos **uns aos outros** no temor de cristo” (SAGRADA, BÍBLIA, 1996).

Mas porque apenas Efésios 5, 24 é enfatizado em detrimento ao versículo 21 do mesmo capítulo? Seria o fato de os líderes serem em sua grande maioria homens e interpretarem a bíblia de forma tendenciosa enfatizando texto bíblicos em uma visão puramente masculina? É fato que diversos versículos na bíblia são de cunho machista, a exemplo, podem ser citados Coríntios 14, 34-35: “Que as mulheres fiquem caladas nas assembleias, como se faz em todas as igrejas dos cristãos, pois não lhes é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como diz também a lei. Se desejam instruir-se sobre algum ponto, perguntem aos maridos em casa”; e ainda Deuteronômio 22,20-21: “Se uma jovem é dada por esposa a um homem e este descobre que ela não é virgem, então será levada para a entrada da casa de seu pai e a apedrejarão até a morte”.

A bíblia é, para aqueles que creem, verdadeira. Todas as histórias que contém na mesma, segundo os que creem, são história que de fato aconteceram. Se a bíblia relata história que de fato aconteceram seria errôneo esperar que ela não relatasse histórias machistas, visto que essas ocorreram em épocas em que a cultura era exaustiva e predominantemente de cunho masculino.

A bíblia, quando estudada de forma profunda, apresenta uma gradatividade. Como por



exemplo, Êxodo 21,24, que diz: "**Olho por olho, dente por dente**, mão por mão, pé por pé."

Essa era a única linguagem que o povo daquela época compreendia. Mas Jesus, segundo a bíblia, em Mateus 5: 38-42 diz: "Tendes ouvido o que foi dito: Olho por olho, dente por dente. Eu, porem, vos digo: não resistais ao mal. Se alguém te ferir a face direita, oferece-lhe também a outra. Se alguém te citar em justiça para tirar-lhe a túnica, cede-lhe também a capa. Se alguém vem obrigar-te a andar mil passos com ele, anda dois mil. Dá a quem te pede e não te desvieis daquele que te quer pedir emprestado.

Muitas passagens contidas na bíblia também devem ser vista sobre esse prisma gradativo. Na época dos patriarcas, que é marcada pelo machismo, era lei apedreja uma mulher adúltera, mas no novo testamento Jesus impede que uma mulher adúltera seja apedrejada, em (João 8: 1-11) diz "atire a primeira pedra aquele que não tem pecados". Jesus traz uma mensagem de amor e de igualdade, ele diz em (Matheus 22: 39) "amarás o teu próximo como a ti mesmo". Amar o próximo como a ti mesmo seria então oprimir, inferiorizar, desmerecer e subjugar? (Gálatas 3: 28) diz "Não pode haver judeu nem grego, nem escravo nem liberto, nem homem nem mulher, porque todos vocês são iguais perante Deus", mas uma vez a bíblia trata do princípio de igualdade. Diante da figura religiosa principal homens e mulheres são tratados de maneira igualitária, então porque os homens se jugam superiores? Porque os homens são os líderes? Porque os homens são os únicos capazes de interpretar a bíblia? Porque os homens se sentem privilegiados em detrimento a mulher?

O que deve ser pensado é que permanecer com essas ideologias machistas e ultrapassadas é uma regressão constate e uma violência contra a mulher. Deve-se levar em conta o contexto e a época em que ocorreram as histórias relatadas na bíblia sagrada e que essa época e contexto já não mais existem. A possibilidade de uma mudança nos discursos religiosos teológicos androcêntricos, que vise estabelecer a igualdade entre os gêneros feminino e masculino, ajudaria na superação da violência contra a mulher assim como na superação da atitude submissa e passiva à qual ela tem sido vinculada, proporcionando à mulher a superação de ser apenas objeto para ser sujeito de sua própria história (MARTINEZ, 2003).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossos estudos, foram encontrados evidências de que os discursos advindos das religiões judaico-cristãs estão intimamente relacionados com o ideal de poder masculino. O machismo ainda é predominante na sociedade atual, este é reforçado por diversas esferas, sejam elas políticas, educacionais ou religiosas. A igreja é portadora de um papel fundamental nesse contexto, visto que possui grande influência sobre o social, normatizando padrões. Reforçamos e corroboramos com Cruz (2013) e Silva (2009), que pontuam que a compreensão da mulher como inferior ao homem foi organizada ao longo dos séculos atendendo aos interesses dos homens na busca pela manutenção do poder. Dentre esses processos, as religiões de ordem judaico cristã foram cruciais na consolidação dessa submissão, tendo institucionalizado a mesma como a "vontade de Deus" para a manutenção da "família". Esta construção favoreceu o estabelecimento de interdições sobre a mulher que podem ser percebidas ainda hoje em praticamente todas as sociedades do mundo.

Assim, devemos compreender a mulher na história como um elemento que sofreu fortes pressões para o desenvolvimento de um condicionamento social, controlado e submisso, mas



que, no entanto foi capaz de aproveitar as brechas oferecidas pelo sistema social e buscar seu próprio posicionamento, mesmo nas sociedades mais machistas como a patriarcal.

A construção dos papéis sociais impostos para homens, como viril, poderoso, dominador, está impregnada em nossa sociedade, sendo repassada para as futuras gerações, com naturalidade. Desconstruir esses conceitos interiorização e cristalizados na sociedade é um processo lento que demanda lutas sociais por aqueles que tem a “coragem” de contrariar esse sistema cristalizado de normas, comportamentos e dominação de poder imposta sobre a mulher. É importante pontuar que não se espera uma inversão de papéis, a mulher no poder e o homem no papel de submissão ou exclusão, mas busca-se igualdade entre ambos considerando que não existe apenas uma mulher ou um homem, mas sim, diferentes construções simbólicas de papéis que são flexíveis e mutáveis ao longo do tempo. Além disso, é entendem que o homem também é vítima dessa cultura perversa, sem que, com isso, justifiquem seus atos de violência. Enfim, detectam que para se coibir a violência contra a mulher é indispensável a desconstrução dos estereótipos de gênero, e a importância de, nesse processo, ser incluído o homem, agressor ou não, no intuito de se provocar as pertinentes rachaduras no sistema patriarcal.

Como sugestão, deixamos a educação feminista de gênero como uma das estratégias que podem auxiliar na desconstrução do machismo tão impregnado na cultura. É preciso ensinar ao homem que a igualdade entre os gêneros também o beneficia ao desconstruir a masculinidade tóxica proposta pela cultura patriarcal.

6. REFERÊNCIAS

- BARUFALDI, L. A. et al. Violência de gênero: comparação da mortalidade por agressão em mulheres com e sem notificação prévia de violência. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 2929-2938, 2017
- BRANDEN, N. **A psicologia do amor romântico**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- CRUZ, V. O. **Feminino: a construção histórica do papel social da mulher**. XXVII simpósio nacional de história. Natal - RN, 2013.
- DE CARVALHO, M. P. O conceito de gênero: uma leitura com base nos trabalhos do GT Sociologia da Educação da ANPED (1999-2009). **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 16 n. 46, p. 99-115, 2011.
- DRUMONT, M.P. Elementos para análise do machismo. **Perspectivas**, São Paulo. v. 3, p. 81-85, 1980.
- ECCO, C. A função da religião na construção social da masculinidade. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 93-97, jun. 2008.
- FARIA, N.; NOBRE, M. O que é ser mulher? O que é ser homem? Subsídios para uma discussão das relações de gênero. **Gênero e educação: caderno para professores**. São Paulo, p. 29-42, 2003.



GARCÍA, G. M. Las mujeres en la Biblia como referentes simbólicos. **Signos de vida**. n. 60. Consulta Continental para la VI Asamblea del CLAI. Quito/ Equador. p. 60-63, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LOPES, M. Gênero e Discurso Religioso. **Revista Relegens Thréskeia**, v. 2, n. 2, p. 60-70, 2013.

MARTINEZ, R. C. R.. **Rompendo as velhas mortalhas: a violência contra a mulher e sua relação com o imaginário androcêntrico de “Deus” na Igreja Metodista do Chile**. Tese (Doutorado) Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião - Universidade Metodista de São Paulo Bernardo do Campo, 2003.

MINAYO, M. C. S. Laços perigosos entre machismo e violência. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 23-26, 2005.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica: UFOP, 2012.

MORAE, E. Ser mulher na atualidade: a representação discursiva da identidade feminina em quadros humorísticos de maitena. In TASSO, I.; NAVARRO, P., orgs. **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas**. Maringá: Eduem, 2012.

PIZZAI, L.; SILVA, R. C.; BELLO, S. F.; HAYASHI, M. C. P. I. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 53-66, 2012.

PRODANOV, C. C.; DE FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Editora Feevale, 2013.

REIS, E. A.; REIS, I. A. **Análise descritiva de dados: Síntese numérica**. Belo Horizonte, UFMG, 2002.

SAGRADA, BÍBLIA. **São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil**, v. 2, 1969.

SILVA, C. A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero. **Revista Direito em Foco**, São Paulo, v 5, p. 2-9, 2009.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Global and regional estimates of violence against women prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence**. Geneva: WHO; 2013.

